

A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS EM PORTUGUÊS EUROPEU E A HIPÓTESE MINIMALISTA

Inês Duarte, Gabriela Matos
FLUL

Nas línguas românicas, a colocação dos pronomes clíticos face ao seu hospedeiro verbal obedece a dois padrões de ordem fundamentais: próclise e ênclise. Os factores desencadeadores destes padrões diferem entre as línguas - em Francês a próclise é sistemática, em Espanhol e Italiano a ênclise é desencadeada por uma flexão não finita, em Português Europeu (PE), a ênclise é o padrão não marcado, sendo a próclise motivada pela presença de elementos de tipo operador em configurações em que estes c-comandam assimetricamente o hospedeiro verbal do clítico (cf. I.1).

Nesta comunicação, centrar-nos-emos na análise nas condições que regulam a colocação dos clíticos em PE, assumindo como quadro de referência o Programa Minimalista. Diferentemente do que tem sido por vezes proposto (cf. I.2, I.3), assumiremos que cliticização pronominal envolve sempre um processo de incorporação em que o verbo se adjunge a um núcleo funcional que contém o clítico (ênclise) ou o clítico se adjunge a um núcleo funcional que já contém o verbo (próclise).

Procuraremos demonstrar que a ênclise em PE decorre de princípios de Economia que determinam não só a escolha de Agr⁰ (cf. I.4) como a posição inicial ocupada pelos clíticos nas projecções alargadas de V mas também o Movimento Curto do Verbo (cf. II.1 a II.3). Argumentaremos a favor da ideia de que a Mesóclise envolve igualmente Movimento Curto do Verbo (cf. II.4). Defenderemos que a próclise em PE resulta de Movimento Curto do clítico, a partir de uma subestrutura derivada de ênclise, devendo ser encarada como uma estratégia de Último Recurso, para a sobrevivência da derivação (cf. II.5). Finalmente, formularemos uma hipótese sobre as diferenças entre PE e outras línguas românicas na colocação dos clíticos (cf. II.6).

I Os clíticos são núcleos que envolvem crucialmente Agr⁰

1. A colocação dos clíticos às diferenças de estatuto entre os mesmos

Desde o trabalho inaugural de Kayne sobre a sintaxe dos pronomes clíticos nas línguas românicas, é reconhecido que a sua distribuição não é idêntica à dos DP's plenos - crucialmente, os primeiros, mas não os últimos, ocorrem tipicamente em posições de adjacência a uma forma verbal.

Em KAYNE 75 a distribuição especial dos clíticos resultava do movimento sofrido por este tipo de pronomes, descrito através de uma transformação (*Clitic Placement*) despoletada pelo traço [$\bar{1}$ cl] presente na matriz dos mesmos.

De então para cá, têm sido avançados três tipos de resposta para a questão "o que motiva o movimento dos clíticos?". Os clíticos movem-se devido a (a) traços intrínsecos [KAYNE 75, URIAGEREKA 93, CORVER & DELFITTO 93], (b) propriedades de subcategorização [KAYNE 91], (c) interacção do seu estatuto como X⁰ com o Axioma de Correspondência Linear [CHOMSKY 94]. Não sendo embora nosso objectivo nesta comunicação discutir a motivação do movimento dos clíticos, argumentaremos contudo contra versões da proposta (a) que consideram serem traços de natureza semântica o gatilho despoletador do movimento.

Em primeiro lugar, e como os exemplos (1) e (2) mostram, independentemente do seu estatuto como membros de uma cadeia argumental (cf. (a) e (b) de (1) e (2)), como marcadores de alterações na grelha argumental de um dado verbo (cf. (c) de (1) e (2)) ou de ausência de Caso acusativo (cf. (d) de (1) e (2)) ou como indicadores do interesse dos participantes na interacção verbal no que está a ser dito (cf. (e) de (1) e (2)), os clíticos têm idêntico comportamento relativamente à colocação.

- (1)(a) Porque não **lhe** compraste o livro? (argumental complemento)
 (b) Porque não **se** compraram os livros? (referência arbitrária)
 (c) Porque não **se** afundaram os barcos com a tempestade? (anticausativo)
 (d) Porque não **te** riste com a anedota? (inerente)
 (e) Porque não **me** lavas essas mãos? (dativo benefactivo)
- (2)(a) Compraste-**lhe** o livro? (argumental complemento)
 (b) Compraram-**se** os livros? (referência arbitrária)
 (c) Os barcos afundaram-**se** com a tempestade? (anticausativo)
 (d) Riste-**te** com a anedota? (inerente)
 (e) Lavas-**me** essas mãos com cuidado, sim? (dativo benefactivo)

Em segundo lugar, a hipótese de que clíticos ditos não argumentais (em particular os do paradigma de *se*) possam conter traços semânticos na sua matriz de propriedades gramaticais não encontra motivação, dada a interpretação atribuída pelos falantes às frases em que eles ocorrem. Em particular, a hipótese formulada por URIAGEREKA⁹³ de que os clíticos contêm o traço [+ específico], razão pela qual têm de ocorrer fora do domínio VP em LF [DIESING⁹²], não explica porque é que clíticos de referência arbitrária (como *se* nominativo) se movem igualmente antes de *Spell Out*, nem explica porque não acontece o mesmo com DP's plenos [+ específico]. Também a hipótese de CORVER & DELFITTO⁹³ de que a motivação para o movimento dos clíticos é a sua subespecificação para o traço [humano] se defronta com problemas apreciáveis. Para além de supor uma entrada única para todos os clíticos do paradigma de *se*, esta hipótese exige que se estipule que os clíticos de primeira e segunda pessoa, que denotam tipicamente individuais [+ humano], não contêm tal traço na sua matriz.

Em síntese, a procura da motivação do movimento dos clíticos em traços inerentes de natureza semântica parece levantar mais problemas do que aqueles que resolve. Julgamos, pelo contrário, que uma versão fraca da Hipótese Afixo, formulada originalmente em BORER 84 e retomada em BELLETTI 93 poderá fornecer uma resposta mais satisfatória. Concretamente, defenderemos que na matriz de traços gramaticais de qualquer clítico existe um traço de Caso, sendo os clíticos X^0 s, a sua incorporação num núcleo funcional com um traço de Caso forte, permitirá a verificação e eliminação deste traço

2. Os clíticos não são gerados em projecções funcionais superiores a AgrS

ROUVERET 92 considera que as estruturas com clíticos em PE envolvem crucialmente $W(\text{ackernagel})P$, uma projecção funcional superior a AgrSP e inferior a CP, que alberga constituintes sem estatuto de operador, podendo, portanto, o seu núcleo ser ocupado por clíticos e a sua posição de *Spec* pelo sujeito frásico ou por tópicos marcados

Para este autor, a ênclise, ilustrada em (3) e (4), decorre da adjunção de V a W, motivada pela verificação de traços V ou Top fortes de W (cf. a representação em (5)):

- (3)(a) Li-o ontem
 (b) Eu sei que esse livro, o José deu-lhe ontem
 (c) Esse livro, o José deu-lhe ontem
 (4) Ao povo, governa-o o rei.
 (5) [_{WP} XP [_W V [_W cl]] [_{AgrSP}]]

Por sua vez, a próclise corresponde a duas situações distintas, das quais apenas uma faz apelo a WP. No primeiro caso, ilustrado por interrogativas directas com inversão e frases com constituintes focalizados em *Spec* de $F(\text{oco})P$ (cf. (6)), a próclise resulta de adjunção à esquerda do clítico a V em AgrS (com posterior elevação do complexo para F, em (6b))

- (6)(a) Que lhe ofereceu o João ontem?
 (b) Isso lhe disse eu

No segundo caso, representado por orações subordinadas com complementador foneticamente realizado, interrogativas directas sem inversão e frases com interpolação (cf (7)), o clítico ocupa a posição W e V encontra-se num núcleo funcional distinto, inferior a W (cf (8)); neste caso, o processo de cliticização, i.e., de formação do complexo cl-V faz-se em Forma Fonética:

- (7)(a) Afirmo que ele o leu.
 (b) Que livro o João lhe ofereceu?
 (c) Se a memória me não falha, .
 (8) [_C que] [_{WP} XP_{subj}] [_W cl] [_{AgrSP} · [_{AgrS} V]]

O argumento fundamental apresentado em ROUVERET 92 para este tratamento, que considera autónomos em Sintaxe o clítico e o seu hospedeiro verbal, reside na possibilidade de Subida do Clítico Simultânea (= Across-the-Board Clitic Climbing) em frases como (9).

- (9) Afirmo que ele me viu e cumprimentou.

A análise acima sintetizada levanta vários problemas. Em primeiro lugar, nos casos de ênclise, e assumindo que os clíticos argumentais são inicialmente gerados como núcleos de DP's internos ao VP, é necessário admitir que eles se movem para W por Movimento Longo do Núcleo (= Long Head Movement), contrariando o requisito de Movimento Mais Curto (= Shortest Movement), central no Programa Minimalista [cf CHOMSKY & LASNIK 91, CHOMSKY 93]

- (10)(a) O João ofereceu-lhe livros
 (b) [_{WP}O João_i [_Wofereceu_j] [_Wlhe_k]] [_{AgrSP} t_i] [_{AgrS} t_j] [_{TP} t_i] [_T t_j] [_{VP} t_i t_j] [_{DP} t_k NP]]]]]

Em segundo lugar, a análise da próclise de ROUVERET 92 é incompatível com a hipótese de que NegP nas línguas românicas é subcategorizado por AgrS e que o seu núcleo subcategoriza TP (cf BELLETTI 90, HAEGEMAN 93, e, para o PE, MATOS 89), uma vez que supõe, não motivadamente, a incorporação da negação em W, o núcleo funcional que contém o clítico (cf. (11))

(11)(a) O João não lhe ofereceu livros

(b) [_{WP}O João_i [_Wnão_j [_Wlhe_k]] [_{AgrSP} t_i] [_{AgrS}ofereceu_k] [_{NegP} t_j [_{TP} t_i [_T t_j] .]]]

Finalmente, Subida do Clítico Simultânea em estruturas de próclise não é um argumento a favor da existência de W, uma vez que, como referido, ROUVERET 92 prediz que ela só seja possível em contextos em que o clítico e V ocorram em núcleos funcionais distintos, o que é contrariado pelos factos (cf. (12b)):

(12)(a) A Maria disse que o João [_W lhe] . [_{AgrS} [telefonou] e [pediu]] um livro.

(b) Quando [_C lhe telefonou] [_{AgrS} o João e pediu um livro]?

Em resumo, a argumentação acima desenvolvida mostra que não há fundamentação para postular uma projecção WP na derivação das estruturas com clíticos em PE contemporâneo

3. Nos casos de ênclise, os clíticos não ficam abandonados em AgrS

Na sequência dos trabalhos de CARDINALETTI & ROBERTS 91, tem sido proposto que a ênclise em PE é o resultado de movimento de V para um núcleo externo a AgrSP (C, C[+Agr] ou F), deixando o clítico abandonado (= stranded) em AgrS [cf. MADEIRA 92, GALVES 92, MARTINS 94]. De acordo com estas análises, algumas das quais assumem que a excorporação é um mecanismo disponível na GU, os pronomes enclíticos são clíticos exclusivamente fonológicos, visto que não ocorrem nem em *Spell Out* nem em *LF* no mesmo núcleo funcional que alberga V, não se percebendo porque cliticizam apenas num hospedeiro verbal e não o podem fazer, por exemplo, em adverbiais frásicos interpostos entre o núcleo verbal e o clítico.

Na realidade, de acordo com estas análises, esperar-se-ia que, em (13) e (14), as frases (a) fossem igualmente agramaticais e as frases (b) igualmente gramaticais, o que não acontece ((15) apresenta a parte relevante da representação dos movimentos do DP sujeito e do V para fora do domínio AgrSP nas frases (14)):

(13)(a) * [_{CP/FP} A quem ontem [_C deu o João um livro]]?

(b) A quem deu [_{AgrSP} ontem [_{AgrSP} o João um livro]?

(14)(a) [_{CP/FP} O João ontem [_{C/F} deu-lhe um livro]].

(b) *O João deu [_{AgrSP} ontem [_{AgrSP} lhe um livro].

(15) [_{CP/FP} DP_i [_{CP/FP} V_j [_{AgrSP} t_i [_{AgrS} t_j cl]]

Adicionalmente, se aceitarmos que um vestígio interposto entre dois núcleos impede a contração (veja-se o contraste clássico entre (16a) e (16b), notado em BRESNAN 71, e a análise para ele proposta em CHOMSKY 76), não se percebe a gramaticalidade de frases como (17a):

- (16)(a) Who do you wanna visit t? (. . .want [PRO to visit t])
 (b) *Who do you wanna visit Bill? (. . .want [t to visit Bill])
 (17)(a) Tu ama-lo assim tanto?
 (b) [CP/FP Tu_i [C/F ama_j [AgrSP t_i [Agr t_j lo] assim tanto?

4. O núcleo funcional envolvido é AgrO

É plausível que o núcleo funcional envolvido na derivação dos clíticos seja um núcleo de tipo AGR — i e , com traços nominais e propriedades de concordância. Os casos de orações participiais absolutas sugerem que o núcleo envolvido é AgrO e não AgrS, se admitirmos, com BELLETTI 93, que a impossibilidade de ocorrência de clíticos numa construção é um diagnóstico para a ausência de AgrO

- (18)(a) *Lido-os à Maria, vamos lanchar.
 (b) *Lido-lhes os livros, vamos lanchar.
 (c) *Lido-se os livros, vai-se lanchar.

II Colocação dos clíticos e natureza de AgrO em PE

Em PE a colocação dos clíticos apresenta particularidades que a distinguem das restantes línguas românicas — em PE a ênclise é o padrão dominante em domínios finitos e não finitos, desde que não ocorram determinados elementos c-comandando o verbo:

- (19)(a) Ele deu-lhe um livro
 (b) Dar-lhe um livro seria a melhor solução

1. AgrO tem traços-V fortes

Formulamos a hipótese de que as diferenças conhecidas na colocação dos clíticos entre o PE e as restantes línguas românicas advenha das propriedades morfológicas de AgrO. Consideraremos que AgrO em PE tem sempre traços-N e V fortes.

Tendo AgrO traços-V fortes, movimento de V para AgrO antes de *Spell Out* é obrigatório. Se os clíticos em PE passarem obrigatoriamente por AgrO, prediz-se então que o padrão básico para a sua colocação (a derivação menos custosa, respeitando o requisito de Movimento Mais Curto) seja a ênclise. Esta hipótese é corroborada por dados da aquisição; com efeito, até cerca dos 4 anos, o padrão de colocação que se encontra sistematicamente é a ênclise:

- (20)(a) não chama-se nada (M, 20 meses)
 (b) ... é que não estragou-se (J.G., 39 meses)
 (c) porque é que foste-me interromper? (R., 29 meses)
 (d) foi alguém que meteu-me nesta fotografia (J.G., 39 meses)

A generalização da ênclise a contextos em que o PE padrão ainda prevê próclise parece também estar a fazer-se nas gerações mais jovens

- (21)(a) porque não apercebeu-se que ... (12 anos, discurso escrito)
 (b) É uma verdade que pode-se ver de uma forma muito clara... (adulto escolarizado, debate na TV)
 (c) porque ela começou-o a tirar ... (adulto não escolarizado, PF 0091)
 (d) ...correspondem à classe onde "só" combina-se com SN... (estudante universitário, discurso escrito)

Os dados da aquisição e o facto de a ênclise parecer constituir o padrão em expansão não favorecem hipóteses que associam a ênclise a aspectos **conservadores** do PE, partilhados pelos Romances medievais e desaparecidos nos dialectos românicos não ocidentais (cf., por exemplo, URIAGFERKA 93, ROBERTS 93). Pelo contrário, parecem sugerir que o PE se encontra alguns passos mais adiantado no ciclo jesperseniano do que outras línguas românicas, uma vez que os falantes jovens analisam preferencialmente os clíticos como afixos. Esta hipótese é corroborada pela elevada ocorrência de Subida do Clítico no corpus analisado: as crianças associam preferencialmente o clítico à forma verbal flexionalmente mais rica de um complexo verbal

- (22)(a) depois o Pantufa estava-se a meter com as abelhas (C.R., 4 anos)
 (b) estou-me a vestir... (M., 20 meses)
 (c) eu vou-te mudar a fralda. (R., 29 meses)
 (d) e o frasco podia-se partir. (C.R., 4 anos)

2. AgrO tem traços-N fortes

A hipótese de que AgrO é forte em PE encontra fundamentação empírica noutras construções não envolvendo directamente clíticos. Assim, a possibilidade, ausente em outras línguas românicas, de Marcação Excepcional de Caso em construções de verbos causativos sem união de orações sugere que AgrO tem traços-N fortes em PE -- contrastem-se as frases (a) vs (b,c,d) de (23) e (24):

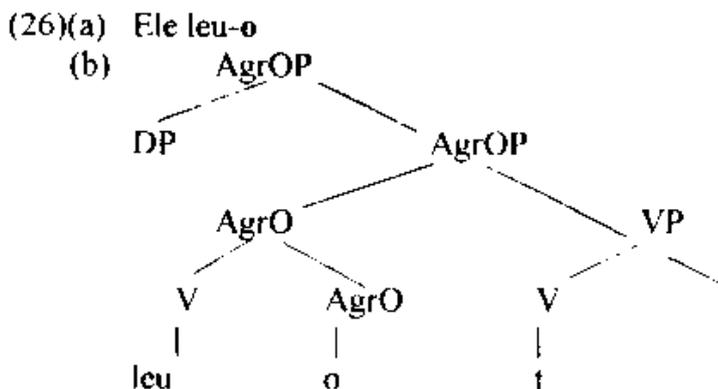
- (23)(a) A Maria mandou arranjar o carro **ao João**
 (b) Marie a fait réparer la voiture **à Jean**
 (c) Maria ha fatto riparare la machina **da Giovanni**.
 (d) Maria hizo arreglar el carro **a Juan**.
- (24)(a) A Maria mandou **o João** arranjar o carro.
 (b) *Marie a fait **Jean** réparer la voiture.
 (c) *Maria ha fatto **Giovanni** riparare la machina.
 (d) *Maria hizo **Juan** arreglar el carro.

O mesmo sugerem contrastes entre construções perfectivas do Castelhana e do PE como as exemplificadas em (25):

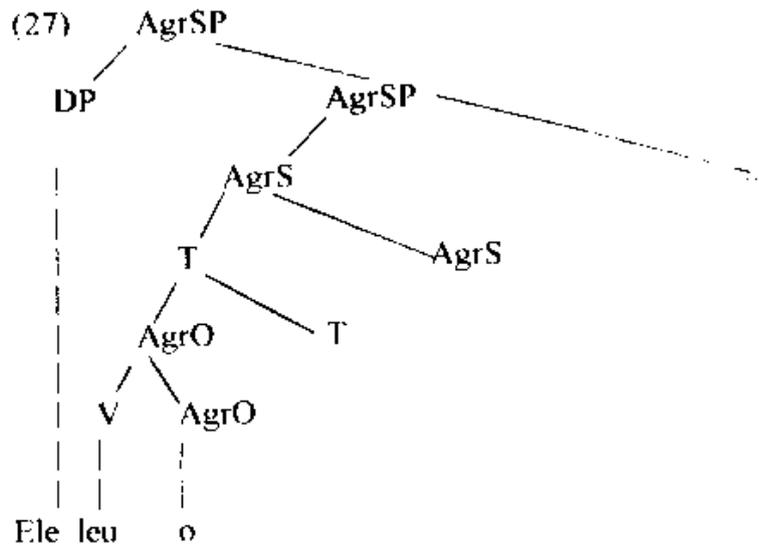
- (25)(a) *Juan tiene los libros leídos. (vs Juan tiene leídos los libros)
 (b) O João tem os livros lidos. (vs */?? O João tem lidos os livros)

3. A ênclise como movimento de V para verificação de traços-V fortes de AgrO

Adoptando a hipótese da *Bare Phrase Structure*, a derivação da ênclise numa frase como (26a) está representada em (26b)



O complexo V-CL move-se na Sintaxe explícita para verificação de outros traços-V fortes (de T e de AgrS, neste caso) Antes de *Spell Out*, a derivação tem a forma parcial apresentada em (27):



A boa formação de uma estrutura como (27) contraria a Generalização de Rizzi: a interposição do clítico entre V e os núcleos funcionais T e AgrS não impede a verificação dos traços abstractos destes, contrariamente ao que acontece em Espanhol e Italiano. A nossa hipótese de que AgrO tem traços-V fortes, para efeitos de verificação morfológica, AgrO conta em PE como uma projecção de V.

4. A Mesóclise em PE como Movimento Curto Núcleo a Núcleo

No dialecto padrão, a mesóclise é a contrapartida da ênclise em frases com formas verbais no futuro e no condicional:

(28)(a) Comprá-**lo**-ei amanhã

(b) Ela dar-**to**-ia, se tivesse dinheiro.

(29)(a) Acho que **o** comprarei amanhã.

(b) Ele não **to** daria se não tivesse dinheiro

Este padrão está a perder-se, sendo substituído pela ênclise.

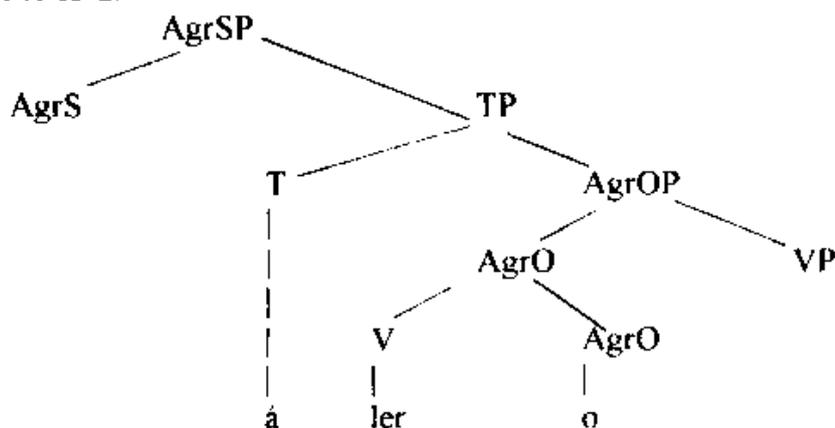
Contrariamente a propostas recentes que analisam a mesóclise no Espanhol antigo e nas línguas balcânicas como Movimento Longo de V para C (cf. LEMA & RIVERO 91 e RIVERO 94) defendemos que a **mesóclise em PE é Movimento Curto Núcleo a Núcleo**.

Sugerimos que a mesóclise em PE supõe que o antigo auxiliar de futuro e condicional "habere" foi reinterpretado como uma lexicalização de T – i.e., como uma espécie de afixo que, contrariamente ao habitual, é inserido nas representações sintáticas com uma matriz de traços fonológicos (compare-se com o que tem sido sugerido na literatura para o verbo "do" auxiliar).

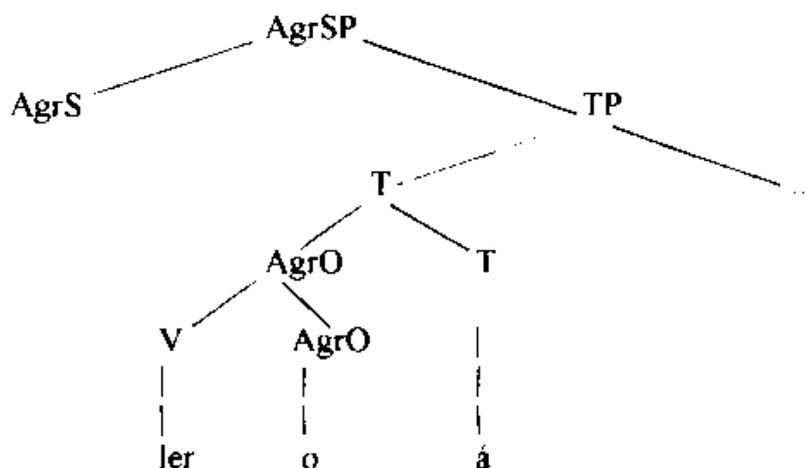
De acordo com esta hipótese, os passos relevante na derivação da mesóclise numa frase como (30a) são os representados em (30b), (30c) e (30d):

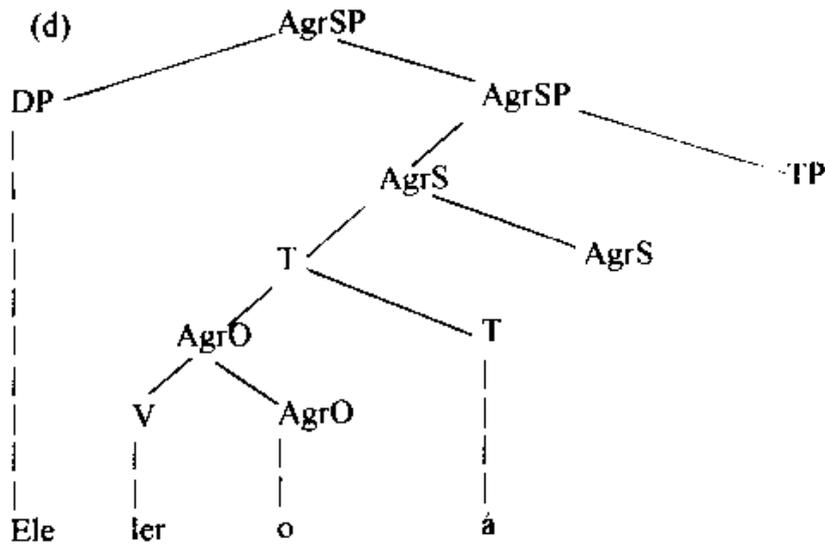
(30)(a) Ele lê-lo-á.

(b)



(c)





A análise apresentada, contrariamente à proposta em LEMA & RIVERO 91 e RIVERO 94, prediz: (a) a possibilidade de mesóclise em domínios encaixados com complementador (cf. (31a)), (b) a ocorrência de mesóclise em estruturas que não são verbo-iniciais (cf. (31b)):

- (31)(a) Achô **que** esses livros, lê-los-ei quando tiver tempo.
 (b) **Amanhã o João** devolver-me-á os livros que lhe emprestei.

Adicionalmente, e respeitando os princípios de economia, não obriga a projectar CP nas frases-raiz.

5. A próclise em PE é uma estratégia de Último Recurso

É sabido que os contextos de próclise obrigatória no PE padrão envolvem relações *Head-Compl* e *Spec-Head* entre elementos de tipo/com traços de operador e projecções alargadas de V:

- (32)(a) O João não o comprou.
 (b) Eles disseram que os amigos **lhes** deram livros.
 (c) Eles disseram para nós **lhes** darmos os livros.
 (33)(a) O João já o comprou.
 (b) Ele também o leu.
 (34)(a) As pessoas a quem eles o contaram ficaram surpreendidas.
 (b) Que mentira **lhe** contaste?
 (c) Pergunto-me que mentira ele **lhe** contou

- (35)(a) A todos o leram (eles).
 (b) Nada **lhe** disseram e'es sobre o assunto
 (c) Isso **lhe** disse eu
 (d) Até a ele **lhe** contaram (elas) mentiras.
- (36)(a) Cada aluno o leu.
 (b) Nenhum aluno o leu

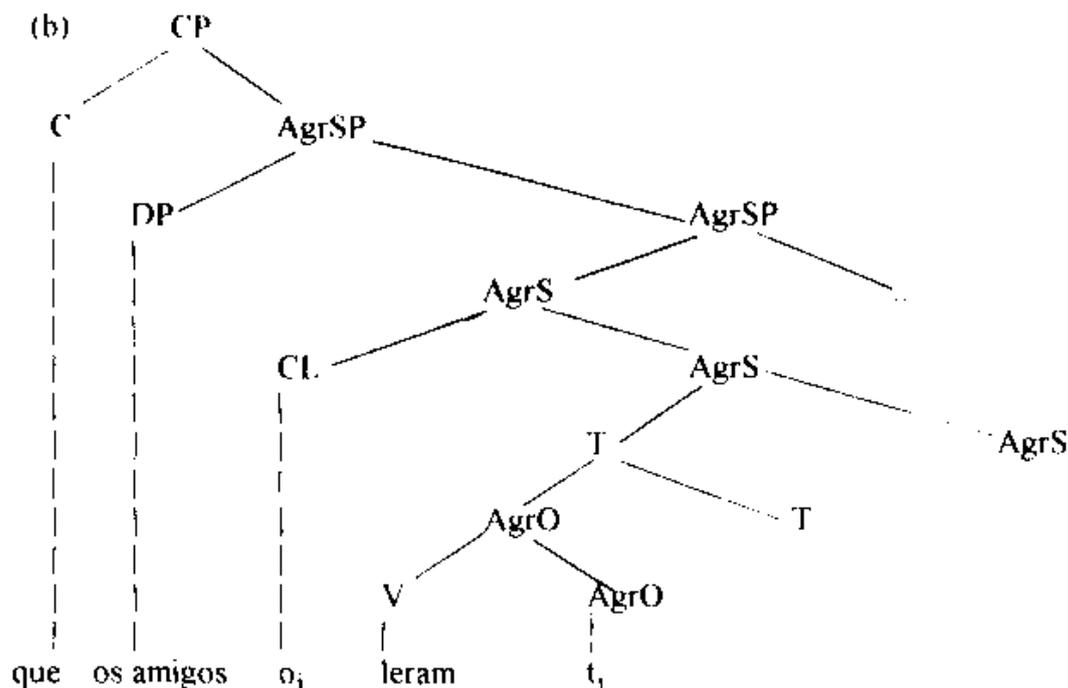
Dados empíricos mostram que é plausível derivar a próclise da ênclise em PE. Se assumirmos, com CHOMSKY 93, 94, que os vestígios são cópias que podem ou não ser apagadas, frases como (37) constituem um argumento a favor de uma análise em que a próclise deriva da ênclise

- (37)(a) não **te** engasgas-**te** nada! (R., 29 meses)
 (b) falei com ele, para ele **a** levá-**la** para casa... (adulto, entrevista na TV)

O complexo V-CL formado em AgrO através de movimento de V move-se para T e posteriormente para AgrS na Sintaxe explícita. Seguidamente, sob o efeito dos elementos desencadeadores de próclise, o clítico desloca-se deixando um vestígio que, por vezes, é foneticamente realizado (cf. (37))

Note-se que o movimento do clítico não é um caso de excorporação, uma vez que assumimos que ele se adjuge ao núcleo funcional que contém V — veja-se o passo relevante da derivação de uma frase como (38a) apresentado em (38b).

- (38)(a) Eles disseram que os amigos o leram.



Aceitando que *Move* obedece a *Greed*, qual a motivação para o movimento do clítico que origina a próclise? Sugerimos que tal motivação se encontra na tensão entre os requisitos de partilha de traços de elementos de tipo operador e a presença do clítico no núcleo desses domínios. Com efeito, estamos a formular a hipótese de que certos elementos de tipo operador entram em relações *Spec-Head* ou subcategorizam projecções alargadas de V. Sugerimos que, dado o seu estatuto categorial [+N], um clítico com realização fonética interposto entre V e os restantes núcleos funcionais impede a acessibilidade do núcleo lexical V.

Assim, a única hipótese de o clítico sobreviver é deslocar-se para uma posição em que não intervenha entre V e T (compare-se (39a) com (39b)):

- (39)(a) *Op... [... [AgrS [T [AgrO V [AgrO CL]] T] AgrS]
 (b) Op... [... [AgrS [T [AgrO CL]_i [AgrO V [AgrO (t_i)] T] AgrS]

Esta análise da próclise encara-a como mais custosa, em termos de economia das derivações, do que a ênclise, não sendo, por isso de estranhar que apenas ocorra com alguma sistematicidade numa fase de desenvolvimento posterior àquela em que surge sistematicamente a ênclise.

6. PE vs Francês, Italiano e Castelhana

Como é sabido, os pronomes clíticos nas principais línguas românicas têm padrões de colocação distintos dos do PE.

Em Francês, os pronomes clíticos são sempre proclíticos (se assumirmos, como CARDINALETTI & STARKE 94 que nas frases afirmativas com imperativo as formas enclíticas são pronomes fracos e não clíticos):

- (40)(a) Je la vois.
 (b) Je veux la voir.
 (41)(a) Donne-moi le livre. (vs *Donne-me le livre)
 (b) Lave-toi les mains. (vs *Lave-te les mains)

Em Italiano e Castelhana, os pronomes clíticos são proclíticos em frases finitas e enclíticos em frases não finitas:

- (42)(a) Juan lo comprò. (vs *Juan comprólo)
 (b) Gianni la vede. (vs *Gianni vedela)

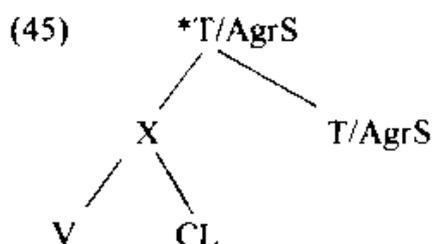
- (43)(a) Juan quiere comprarlo. (vs *Juan quiere lo comprar)
 (b) Gianni vogli vederla (vs *Gianni vogli la vedere)

A distribuição da ênclise em Castelhana e Italiano e a sua ausência em Francês podem ser captadas pela Generalização de Rizzi reproduzida em (44):

- (44) "We have enclisis only if
 (a) the verb is morphologically complete under the cliticization site;
 (b) the verb must move at least as far as the cliticization site " [RIZZI 93]

A generalização apresentada em (44) baseia-se na hipótese de que, nas línguas consideradas, a verificação de traços entre um núcleo lexical incorporado num núcleo funcional e este último tem de operar sob adjacência estrita — por outras palavras, qualquer elemento que intervenha entre ambos impede a verificação de traços

Se assumirmos que nas frases finitas o verbo só está morfologicamente completo quando é feita a verificação dos traços-V fortes de T e AgrS, uma configuração de ênclise impediria a verificação dos traços-V fortes de T e de AgrS:



Pelo contrário, nas não finitas a verificação de tais traços é posterior ao momento em que o verbo está morfologicamente completo (antes de AgrO) e a ênclise impõe-se devido a requisitos de economia das derivações. Rizzi deriva assim a distribuição da ênclise em Castelhana e Italiano. E pode igualmente derivar a impossibilidade de ênclise nas não finitas em Francês.

Crucialmente, quer a distribuição da ênclise em Castelhana e Italiano quer a impossibilidade da mesma em Francês são atribuídas **ao requisito de adjacência estrita para verificação de traços presentes nos núcleos funcionais a que o verbo se adjunge e nos afixos flexionais que o núcleo V contém.**

A distribuição da ênclise em PE mostra que este requisito não é universal. Se, como sugerimos, AgrO em PE tiver traços-V fortes, é compreensível que a sua interposição não bloqueie a verificação de traços morfológicos

Mas o PE padrão exibe uma contrapartida sintáctica (e não morfológica) do requisito de adjacência estrita: quando um elemento de tipo operador (ou com traços de operador) selecciona um núcleo verbal ou com ele entra numa relação *Spec-Head*, a interposição de um clítico entre o núcleo verbal e os núcleos funcionais a que este se adjuge impede a acessibilidade de V

BIBLIOGRAFIA

AMBAR, M

- 1988 *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito Verbo em Português*. Lisboa: Colibri
1992.

BELLETTI, A

- 1990 *Generalized Verb Movement*. Turim: Rosenberg & Sellier
1993 "Case Checking and Clitic Placement". In *GenGenP*, 1:2.

BORER, H

- 1984 *Parametric Syntax*. Dordrecht: Foris.

BRESNAN, J

- 1971 *Contraction and the Transformational Cycle in English*. MIT: Ms.

CARDINALETTI, C & I ROBERTS

- 1991 "Clause Structure and X-Second" A publicar em CHAO & HORROCKS
(eds) *Levels of Representation*
& M STARKE
1994 *The Typology of Structural Deficiency. On the Three Grammatical Classes*.
Univ. Veneza, Univ. Genève: Ms.

CHOMSKY, N

- 1976 "Conditions on Rules of Grammar". In *Essays on Form and Interpretation*
Amsterdão: Elsevier North-Holland. 1977.
1993 "A Minimalist Program for Linguistic Theory" In HALE & KEYSER (eds)
The View from Building 20. Cambridge, Mass: The MIT Press.
1994 *Bare Phrase Structure*. MIT: Ms.

CHOMSKY, N. & H. LASNIK

- 1991 "Principles and Parameters Theory". A publicar em JACOBS, von STECHOW, STERNEFELD & VENNEMAN (eds) *Syntax: An Interdisciplinary Handbook of Contemporary Research*. Berlin: de Gruyter.

DUARTE, I

- 1983 "Variação Paramétrica e Ordem dos Clíticos" In *Revista da Faculdade de Letras*, volume comemorativo do cinquentenário da RFL.

& G MATOS

- 1994 "Specificity of European Portuguese Clitics within Romance" A publicar em *Papers from the First Lisbon Meeting on Child Language*. Lisboa: APL

GALVES, C

- 1992 "Clitic Placement in European Portuguese: Evidence for a Non-Homogeneous Theory of Enclisis". In *Actas do Workshop sobre o Português*. Lisboa: APL

HAEGEMAN, L

- 1993 *Syntax of Negation*. Universidade de Venezia: Ms.

KAYNE, R.

- 1975 *French Syntax. The Transformational Cycle*. Cambridge, Mass: The MIT Press
- 1991 "Romance Clitics, Verb Movement and PRO". In *Linguistic Inquiry*, 22:4
- 1993 *The Antisymmetry of Syntax*. CUNY: Ms

LEMA, J & M. L. RIVERO

- 1991 "Types of Verbal Movement in Old Spanish" In *Probus*, 3:3

MADEIRA, A

- 1992 "On Clitic Placement in European Portuguese". In *Working Papers in Linguistics*, 3. Department of Phonetics and Linguistics, University College, London

MARTINS, A. M.

- 1994 *Os Clíticos na História do Português*. Universidade de Lisboa: Dissertação de Doutoramento

MATOS, G.

- 1989 "SV Nulo em Português e Inglês". In *Actas do Workshop em Gramática Generativa*. Lisboa. APL.

RIVERO, M. L.

- 1994 "Clause Structure and V-Movement in the Languages of the Balkans". In *Natural Language and Linguistic Theory*, 12:1.

RIZZI, L.

- 1993 *Some Issues on Cliticization*. Univ. de Genève. Ms.

ROBERTS, I.

- 1993 "O Português Brasileiro no Contexto das Línguas Românicas". In ROBERTS & KATO (eds) *Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica*. Campinas, UNICAMP. Editora da Universidade Estadual de Campinas.

ROUVERET, A.

- 1989 "Cliticisation et Temps en Portugais Européen" In *Revue de Langues Romanes*, XCIII: 2.
- 1992 *Clitic Placement, Focus and the Wackernagel Position in European Portuguese*. Univ. de Paris-8: Ms

URIAGEREKA, J

- 1993 "Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance". A publicar em *Linguistic Inquiry*.